

TRABALHOS DO INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA
«DR. MENDES CORRÊA»

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO
Director — *Prof. Doutor Machado Cruz*

N.º 26

As Gravuras rupestres do Tchitundo hulo
Virei — Moçâmedes — Angola

POR

J. R. dos Santos Júnior

Antigo Prof. da Universidade de Luanda
e Presidente da Sociedade Portuguesa de
Antropologia



Companhia Editora do Minho
BARCELOS, 1974



3) 03.2"632"(673)(04)
AN

TRABALHOS

DO

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa»

1. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *O Professor Mendes Correia, fundador e 2.º presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.*
2. MACHADO CRUZ, J. AMORIM, 1969 — *Regime Comunitário Pastoril na Serra Amarela (Ermida — Ponte da Barca).*
3. ISIDORO, A. FARINHA, 1969 — *Antas do concelho de Portalegre.*
4. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *Os «Cantares» de Rosalia de Castro e o povo galego em alguns aspectos da sua Etnografia de há cem anos.*
5. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1969 — *Escavações no Castro de Sabroso em 1968.*
6. ISIDORO, A. FARINHA, 1970 — *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — III.*
7. *Lista dos Trabalhos do Instituto de Antropologia publicados de 1931 a 1969.*
8. SANTOS JÚNIOR, J. RODRIGUES DOS, 1971 — *Antropologia (amplitude e finalidade desta ciência).*
9. ISIDORO, A. FARINHA, 1971 — *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — IV.*
10. ISIDORO, AGOSTINHO F., 1971 — *Notas sobre o casamento na Aldeia da Mata.*
11. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS — *Escavações no Castro de Carvalhelhos (Campanha de 1970).*
12. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS — *Uma dança milenária.*
13. MARQUES GUSTAVO — *Arqueologia de Alpiarça — As estações representadas no Museu do Instituto de Antropologia do Porto.*
14. MACHADO CRUZ, J. AMORIM, 1972 — *Consanguinidade aparente e sua evolução na ilha de Porto Santo.*
15. CRUY, J. MACHADO, BENDER, K., BURCKHARDT, K., KÜPPERS, F., BENKMANN, H.-G., GOEDDE, H. W., 1973 — *Genetic studies of some red cell and serum protein polymorphisms in the population of Vilarinho da Furna (Portugal).*
16. MACHADO CRUZ, J. AMORIM, 1973 — *Consanguinidade aparente da população de Vilarinho da Furna.*
17. ISIDORO A. FARINHA, 1973 — *Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo) — V.*
18. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1973 — *O Minepa e o Malaica fantasmas moçambicanos.*
19. ISIDORO A. FARINHA, 1973 — *Os Sabeler — uma família de pescadores.*
20. ISIDORO, A. FARINHA, 1973 — *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo) — Novos elementos (IV).*
21. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1973 — *Nótulas sobre a Festa dos Reis.*
22. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1972 — *O Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja em Carvalhelhos.*
23. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1973 — *As notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos.*
24. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1973 — *Normas para o estudo geral dos Castros.*
25. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1973 — *Alguns problemas castrejos: cobertura das casas.*
26. SANTOS JÚNIOR, J. R. DOS, 1974 — *As gravuras rupestre do Tchitundo hulo — Virei — Moçâmedes — Angola.*



Barcelone Perm.

As Gravuras rupestres do Tchitundo hulo

Virei — Moçâmedes — Angola

Tanto a área do deserto de Moçâmedes como a zona subdesértica que lhe fica confinante pelo Sul são ricos em documentos arqueológicos do maior interesse.

Em Junho de 1970 tivemos ensejo de subir à enorme mole granítica do monte «*Tchitundo hulo*» que fica no Capolopopo, 37 Km a sudoeste do Virei e a cerca de 150 Km a sul de Moçâmedes. Ali tínhamos estado em Março de 1970, em visita de escassas duas ou três horas e ali voltamos em 1972, então com mais tempo, pois ali trabalhamos duas semanas.

No dorso daquele monte, que é, pode dizer-se, um enorme bloco de granito, há muitas centenas de gravuras — cerca de 2.000 — que, em tempos remotos, os homens que ali viveram fizeram, picando a rocha. Desse modo nela abriram sulcos pouco fundos, em desenhos, quase todos, do tipo geométrico ou esquemático.

São vários os motivos dos desenhos. Uns simples, outros complexos. Estes constituindo verdadeiros labirintos. (Est. II, fig. 6).

Os mais deles de interpretação difícil quanto ao seu significado.

São poucas as representações de animais, apenas 3 ou 4 figuras de antílopes. 1 chacal e, pelo menos, 2 cobras.

As gravuras rupestres do «*Tchitundo hulo*» foram dadas a conhecer pelo malogrado arqueólogo Dr. Camarate França, que as visitou em 1952 e no ano seguinte publicou o trabalho *As gravuras rupestres do Tchitundo-*



-*Hulo: Deserto de Moçâmedes*, Separata do «Mensário Administrativo», Luanda 1953.

É um belo trabalho de 44 páginas, ilustrado com muitos desenhos e algumas fotografias, distribuídos por 20 estampas.

Como Camarate França realçou neste seu trabalho é grande o interesse do estudo das gravuras rupestres angolanas.

A arte rupestre, pinturas e gravuras, foi durante muito tempo praticamente desconhecida em Angola. No entanto por informações mais ou menos vagas, dadas pelos indígenas, presumia-se da sua existência.

Cabe ao Dr. José Redinha a honra de, em 1939, ter descoberto as primeiras estações de gravuras rupestres angolanas.

A este infatigável investigador, e apurado estudioso do viver dos indígenas angolanos, se deve a primícia do estudo dos belos conjuntos de gravuras rupestres no Alto Zambeze, em Calola e nas margens dos riachos Capelo e Bambala (1).

Outros documentos da arte rupestre em Angola foram assinalados por Eduardo de Azevedo, Neves e Sousa, Moita de Deus, José Rosa Júnior e Mário Araújo.

O primeiro viu desenhos numa gruta perto de Ambrizete. O segundo descobriu e copiou gravuras rupestres no Bié. O terceiro observou figuras gravadas num rochedo próximo de Serpa Pinto. Os dois últimos nos distritos de Moçâmedes e do Moxico, como informa Camarate França a pág. 6 e 44 do seu referido trabalho.

O Dr. António de Almeida, que foi chefe da Missão Antropobiológica de Angola, publicou, de colaboração com o eminente arqueólogo francês Abbé Breuil, o trabalho *Sur les gravures et les peintures du désert de Mozâmedes (Angola)*, 6 págs., II Est. com 5 figs.

O estudo pormenorizado das pinturas rupestres do Caninguíri, da área do concelho do Mungo, distrito do Huambo, foi feito no seguinte trabalho: J. R. dos Santos Júnior & Carlos M. N. Ervedosa, *As pinturas*

(1) José Redinha, *As gravuras rupestres do Alto Zambeze e primeira tentativa da sua interpretação*, Comp. dos Diamantes de Angola, «Publicações culturais», n.º 2, Lisboa, 1948, págs. 67 a 93.

rupestres do Caninguiri, in «Ciências Biológicas», Rev. da Fac. de Ciências da Universidade de Luanda, vol. I, n.º 2, Luanda, 1971, pág. 105 a 142, 1 hors-texto a cores e XLIII Est. com mais 70 figs.

É de crer que por essa Angola fora haja mais estações de arte rupestre, quer gravuras quer pinturas, além das escassas três dezenas de que há conhecimento.

Importa que o seu estudo seja feito em monografias cuidadosamente elaboradas com ampla documentação iconográfica, quer de fotografias, quer de desenhos.

Deste modo ficaremos com os elementos indispensáveis ao seu estudo comparado em qualquer altura, mesmo que, por um cataclismo, pela simples acção do tempo, ou por maldade ou estupidez, venham a desaparecer.

*
* * *

De 19 de Fevereiro a 3 de Março de 1972 estivemos no *Tchitundo hulo*. Averigui que há ali dois montes ambos com o nome Tchitundo hulo, distantes um do outro cerca de 1.000 metros. Um, o grande, com cerca de 800 a 1.000 metros de comprimento, é o *Tchitundo hulo mulume* com muitas gravuras rupestres e um abrigo, ou pala, com pinturas no tecto.

O outro, relativamente pequeno, onde há o abrigo com pinturas, estudadas pelo Prof. António de Almeida, é o *Tchitundo hulo mucai*.

Como *mucai* significa mulher, o mais pequeno será o *Tchitundo hulo mulher*.

O outro monte, muito maior, como *mulume* significa homem, será o *Tchitundo hulo homem*.

Camarate França a pág. 10 do seu trabalho citado refere estes dois *Tchitundo hulos*, não homem e mulher, mas mãe e filha, e fá-lo nestes termos: «Relativamente perto do morro das gravuras, e entre os muitos outros «inselbergs» que ali se erguem, existem dois a que os indígenas dão a designação de mãe e filha do «Tchitundo-Hulo». Nada existe na configuração destes que justifi-

que a relação estabelecida, e os indígenas não souberam explicar-nos o motivo que os levou a dar-lhes esses nomes.»

Quanto a «*Tchitundo*» pode dizer-se que há concordância em atribuir-lhe o significado de *monte* ou *morro*.

Quanto a «*hulo*» as opiniões divergem.

O Sr. Cornelius Prinsloo, distinto boer que, em Março de 1970, teve a gentileza de nos guiar até ao abrigo das pinturas do *Mucaí tchitundo hulo*, descoberto por seu irmão Miguel Prinsloo, julga que *tchitundo hulo* se pode traduzir por *morro ou monte das almas*.

Camarate França, a pág. 10 do seu trabalho citado, escreve que os indígenas «mantêm uma certa veneração pelo monte que designaram *Tchitundo-Hulo* (monte do céu) em virtude de crerem que as figuras de círculos concêntricos — especialmente as que se encontram raiadas — que constituem o motivo dominante dos desenhos, representam os astros.»

O Dr. Alberto Machado Cruz, que foi activo conservador do Museu da Huila (Sá da Bandeira), segundo o que se lê a pág. 270 do livro *Seara dos tempos*, de José Maria de Eça de Queirós (1), informou este autor que «houve no alto do morro um acampamento que se chamava *Tchitundo hulo* (Acampamento do Céu) monte ao qual os colonos europeus puseram, recentemente, o nome de «Morro Sagrado».

O distinto e profundo investigador da Etnografia angolana, P.^e Carlos Easterman S. P., a quem solicitei esclarecimentos, confirmou que *Tchitundo* é, sem dúvida, *morro* ou *monte*.

Quanto a *hulo* supõe que o seu significado não pode ser concretamente o que lhe tem sido atribuído.

Segundo a sua abalizada opinião, monte sagrado será *tchitundo n'cola* visto que *n'cola* ou *uncola* significam *sagrado*. Para dizermos morro do céu seria *Tchitundo èúlo*, visto que *èúlo* é *céu*.

Segundo parecer deste ilustre sábio reverendo, «*hulo*» pode significar *último*, *fim*, *derradeiro*, e acrescen-

(1) José Maria Eça de Queiroz, *Seara dos Tempos, Angola no presente — Angola no passado*, «Harvest of time», edição do autor, Lisboa, sem data, com muitas estampas e desenhos, mas sem numeração.

tava que por ex. *ondjila bulo* significa *caminho último*, um *fim de caminho*, ou ainda *acaba o caminho*.

Como o fim do caminho da vida do homem é a morte, fim último, forçoso e inevitável de cada pessoa, admite-se que com a morte se evolva a alma. Dentro deste conceito, e numa transcendente concepção, pode admitir-se que *tchitundo bulo* signifique *morro das almas*, com o sentido de fim do caminho da vida em que as almas boas se evolvam para o céu. Parece portanto que a opinião do Sr. Cornelius Prinsloo é a mais aceitável, por concordante com o parecer do ilustre e sábio reverendo P.^e Carlos Easterman.

Pode pois emitir-se a hipótese de ser aquele monte local merecedor de especial veneração entre os indígenas da região, por ali terem realizado as cerimónias dos ritos de passagem, e mesmo práticas rituais em manifestações fúnebres de culto pelos mortos.

Podia ainda, considerando *bulu* com o significado de *fim*, admitir-se que aquele grande monte rochoso, em grande parte despido de vegetação, fosse como que marco divisório, limite ou extrema em que findariam confinantes p. ex. duas áreas de caça ou de pastoreio, adstritas a dois povos ou duas tribos vizinhas.

No entanto a profusão dos sinais ali gravados, perto de dois milhares, leva-nos a admitir como mais provável a hipótese anterior, isto é, monte sagrado para a realização de práticas rituais.

*

* *

O monte *Tchitundo bulu mulume* é muito grande.

As suas coordenadas geográficas são, 15.^o 56'30" S — 12.^o 53'E.

É alongado no sentido noroeste-sudeste, soerguido em três cabeços, o do extremo noroeste com a altitude de 726 m; o que se lhe segue, com 691 m, e o do extremo sudeste, bastante mais baixo, do qual não temos a respectiva cota.

A altitude da zona da peniplanície em que assenta é de 600 m.

Num dia de Junho de 1970, ao fim da tarde, subimos a vertente do lado nascente à cata de melhor caminho para ir à gruta ali existente, em que há pinturas. Estas pinturas foram cuidadosamente estudadas pelo meu Assistente e dedicado colaborador, Dr. Carlos Ervedosa, que prepara sobre elas uma monografia.

Ao trepar essa vertente rochosa, despida de vegetação, vi aos pés algumas gravuras feitas na pedra.

A pesquisa de mais gravuras, que se sucediam umas a seguir às outras, em número que computei em mais de uma centena, levou-me o resto da tarde, e já não fui ver as pinturas da gruta.

Convencido do interesse que de momento havia em fazer um estudo das gravuras, embora sumário, resolvi examiná-las no dia seguinte e delas tirar algumas fotografias.

No dia seguinte, manhã cedo, abalamos do Virei; 37 Km andados paramos na vertente do *Tchitundo hulo*, oposta à que trepara na véspera.

Resolvemos subir pelo poente por a ladeira nos parecer menos empinada.

Logo a uns 40 ou 50 metros da base vimos dois sinais de circunferências concêntricas, que, por isolados, não prenderam a nossa atenção, tanto mais que a nossa finalidade era a vertente do lado oposto.

Mas acima, cerca de uma centena de metros, vi algumas gravuras rupestres e logo acima outras e outras e mais outras.

Resolvi iniciar a marcação destas gravuras riscando os sulcos a carvão e tirando fotografias.

Desde as 9 da manhã até às 4 e meia da tarde, com o intervalo da merenda, três auxiliares, coadjuvados pelo Administrador do Virei Sr. Jorge Nunes Lopes, riscaram a carvão os fundos das gravuras que fotografei.

Nesta vertente marcaram-se 124 gravuras, algumas isoladas, outras em grupos de número variável. Há grupos de 4, 5, 7, 8 e 10 gravuras. O grupo mais numeroso tem 21 sinais: (Est. I, fig. 4 e 5).

A maior parte das 124 gravuras distribui-se irregularmente numa superfície do rochedo de cerca de 100 a 120 m de comprimento por 40 ou 50 m de largura.

As gravuras foram picotadas na superfície vermelho escura do granito, que escama em lascas de 2 a 3 cm

de espessura. Algumas destas escamas com gravuras estalaram e, em certos pontos, parte das gravuras desapareceu com a lasca que estalou e foi arrastada. Há vários destes sinais mutilados que terminam na borda da estaladela. (Est. I, fig. 5, Est. II, fig. 7, Est. III, fig. 8).

São de algumas centenas as gravuras que se vêem nas duas vertentes por onde subi.

Mas há mais gravuras noutros pontos daquela grande morro granítico, que examinamos em Fevereiro e Março de 1972 (Est. I, fig. 4 e 5).

As primeiras que vimos situam-se nas duas vertentes ou encostas do monte *Tchitundo hulo mulume*.

As que Camarate França viu e estudou, como diz a pág. 7 do seu referido trabalho, «encontram-se quase exclusivamente no vale, principalmente onde a superfície da rocha tende para a horizontalidade, dando a impressão, a quem as vê, de traços de um tapete com caprichosos desenhos.»

Parece poder concluir-se que as gravuras estudadas por Camarate França não foram as que vi nas duas vertentes de rochedo uma do lado nordeste, fronteiro ao *Tchitundo hulo mucai*, e outra do lado oposto ou seja, do sudoeste.

Como dissemos há alguns sinais mutilados, em parte destruídos por quebradura das escamas rochosas. Restam, é certo, algumas zonas poupadas pela erosão mas que, muito provavelmente, estão em risco de virem a ser mutiladas, e, por consequência, os seus sinais parcial ou até totalmente destruídos.

A causa da destruição consiste no empolamento de delgadas camadas da superfície do granito, que se fragmentam em escamas. (Est. II, fig. 7).

Grandes variações de temperaturas devem fazer com que estas escamas, algumas apenas com 1 a 3 cm de espessura, estalem e se desprendam do resto do conjunto.

Dado o acentuado pendor das vertentes as porções de escamas que se soltarem podem ser arrastadas pela acção conjunta dos ventos e da chuva, e perdem-se.

A rocha está quase toda como que envernizada de cor vermelho-escura, por virtude da delgada e brilhante camada de óxido de ferro que impregna a superfície do granito.

Como a superfície vermelho escura foi picada para

desenharem as gravuras, estas realçam, dada a coloração mais clara do granito subjacente à camada avermelhada pelo óxido de ferro.

Muitas gravuras estão bastante apagadas, quer pela acção do tempo, quer por terem sido menos fundamente picotadas.

É o tipo de gravuras a que chamei *litotrípticas*.⁽¹⁾

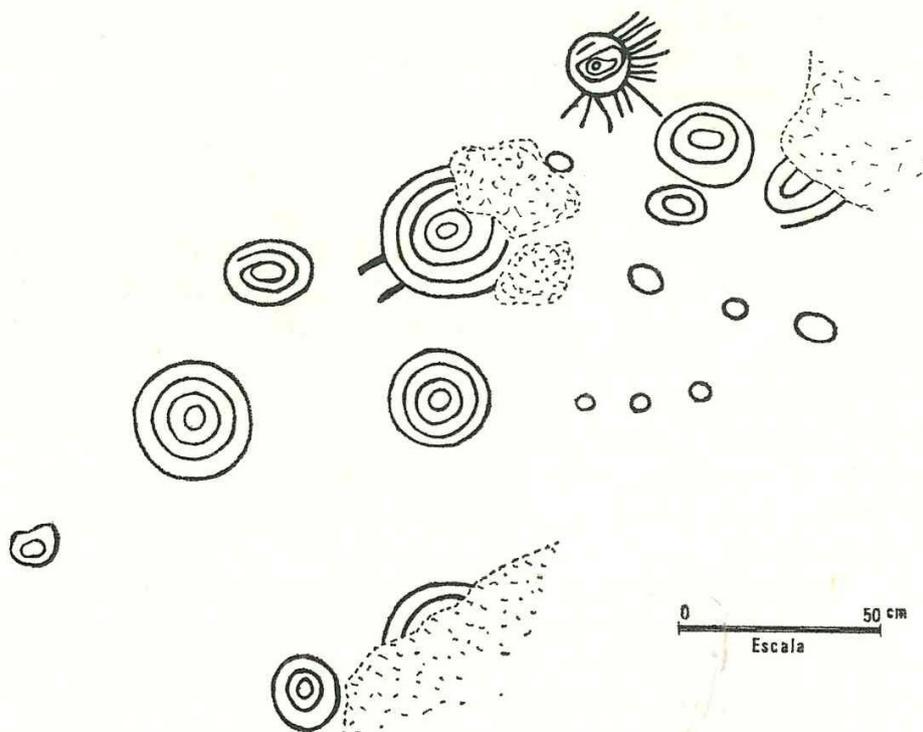


Fig. 1 — Conjunto de várias circunferências concêntricas, algumas simples, pequenas, uma espiral com circunferência envolvente e o sinal cimeiro com traços irradiantes.

Camarate França, a pág. 8 do seu trabalho, diz que se podem considerar técnicas fundamentais quanto ao modo como as gravuras foram feitas. Diz que alguns desenhos (sic), os mais antigos, «deverão ter sido feitos dando-se na rocha repetidas pancadas».

Linhas abaixo acrescenta: «Depois deste trabalho de percussão, os sulcos obtidos foram, em grande parte,

⁽¹⁾ J. R. dos Santos Júnior, *Arte rupestre*, in «Congresso de Pré e Proto-História de Portugal» — Congresso do Mundo Português, Lisboa, 1940, pág. 327-376, 21 figs.; v. a nota 57, pág. 375.

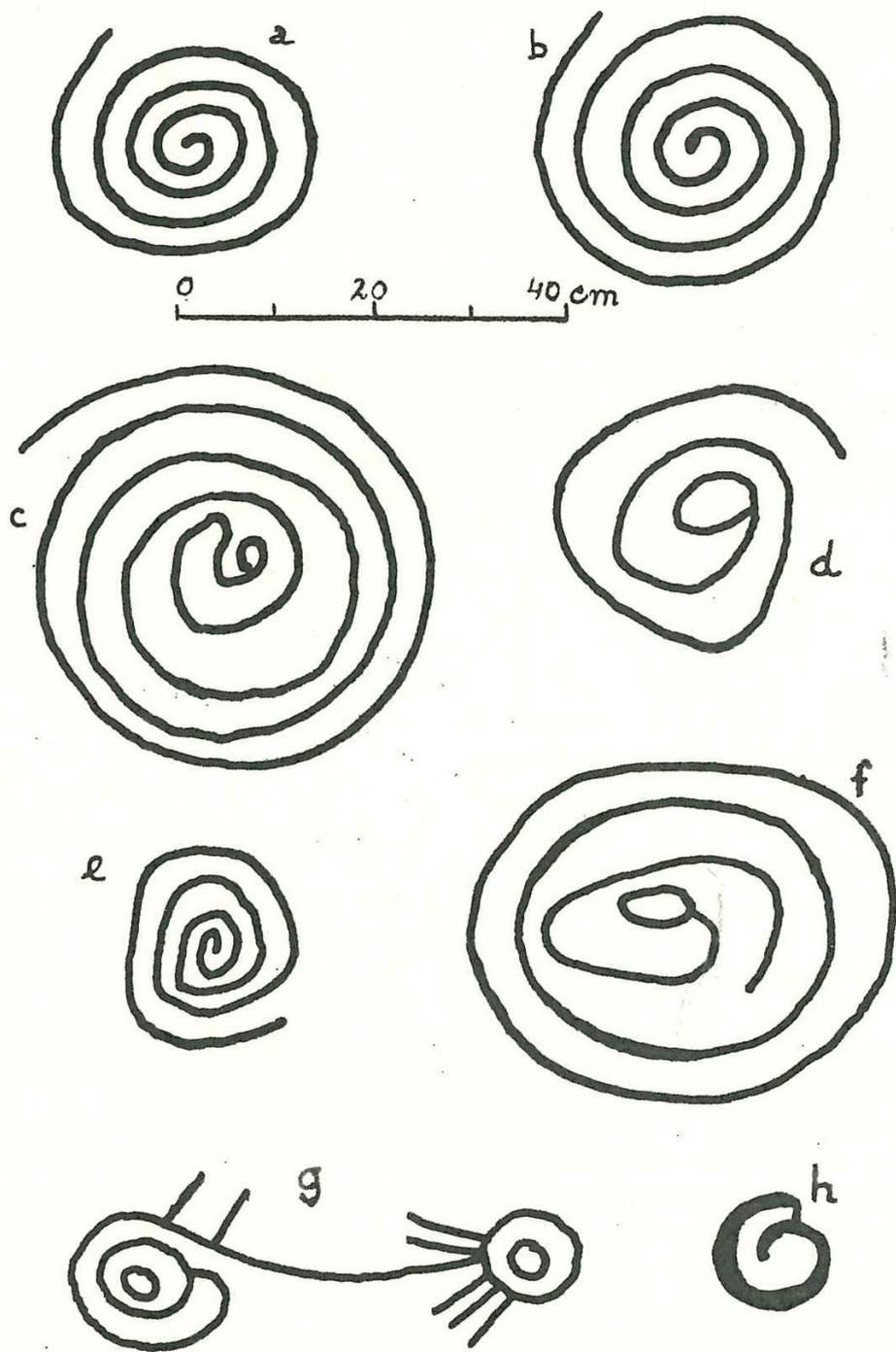


Fig. 2 — Algumas gravuras em espiral, umas com enrolamentos sobre a direita (dextrorssas) outras enrolando sobre a esquerda (sinistrorssas).

polidos por fricção. Os traços assim obtidos, são largos e pouco profundos».

Nas muitas horas que ali passei, as mais delas gastei-as a tirar fotografias e a fazer alguns desenhos esquemáticos, em todos os sinais que ajudei a marcar a carvão, esfregando o sulco com a polpa do dedo para homogeneização da cor negra, o sulco era nítida e irregularmente picotado e áspero.

Foram muito poucos os sinais que me pareceu obtidos por fricção, segundo a técnica que designei *litoglítica*.

Como referi, o total dos sinais gravados no *Tchitundo hulo mulume*, pode computar-se em cerca de dois mil, senão mesmo mais, quase todos de tipo geométrico, com predomínio de figuras em circunferências.

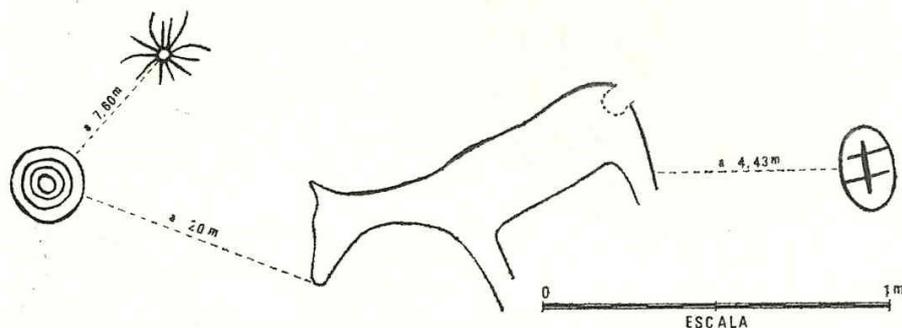


Fig. 3 — Gravura de chagal (?) na base da vertente do noroeste do Tchitundo hulo mulume.

São frequentes 2, 3 e 4 circunferências concêntricas, mas há-as com mais. Vi algumas com 10 e 11 circunferências. (Est. I, fig. 5 e Est. VI, fig. 13 a).

Algumas circunferências têm apensos traços periféricos quer irradiantes, quer em feixes paralelos (símbolos solares). Uma circunferência apresenta uma coroa de covinhas a toda a volta. Algumas circunferências têm riscado um diâmetro, outras dois diâmetros em cruz.

Existem espirais simples de vários tipos e associadas a circunferências (Fig. 2).

Há sinais simples, isolados alguns metros dos mais próximos, e há-os em grupos.

O número de sinais em cada grupo é variável. Nem sempre é fácil definir com precisão os limites dum agrupamento de gravuras. No entanto grupos bem defi-

nidos têm duas e três dezenas de sinais gravados e em alguns casos mais. Os grupos de maior número de gravuras tinham 38, 51, 60 e 61 sinais.

Há sinais complicados pela associação de circunferências, de traços rectilíneos e de traços encurvados, delimitando áreas fechadas de várias configurações e áreas abertas periféricas, constituindo figuras verdadeiramente labirínticas, de interpretação difícil. (Est. II, fig. 6).

Só vimos 6 representações de animais, 3 antílopes, 1 chacal e 2 cobras. É possível que haja mais e nos tenham passado despercebidas.

De qualquer modo afigura-se-nos ter extraordinária importância o vasto conjunto das gravuras rupestres do *Tchitundo hulo mulume*, pelo que interessa fazer ao seu estudo integral, com a possível brevidade, dada a circunstância de, como atrás se referiu, o empolamento de delgadas camadas superficiais do granito lascarem em escamas, com a inerente destruição das gravuras nelas insculpidas.

*

* *

Tudo leva a crer que os dois montes, *tchitundo hulo mucai* e *tchitundo hulo mulume*, devem ter sido em tempos remotos, e quem sabe se ainda hoje o serão, teatro de práticas rituais de várias naturezas em celebração de ritos da passagem da vida terrena para o post-mortem, como levam a crer os significados atribuídos a *tchitundo hulo* que, como vimos, são *morro das almas*, *acampamento do céu* ou *monte do fim*.

Claro que este último conceito pode generalizar-se ao fim dos vários estádios da vida do homem, meninice, adolescência, juventude, idade madura, ou até ao fim da vida de solteiro com a passagem ao rol dos homens casados.

E assim pode pôr-se a hipótese de naquele monte se terem realizado cerimónias dos ritos de passagem e até manifestações fúnebres de culto dos mortos.

Outra hipótese já referida, considerando *hulo* como significando *fim*, é a de que aquele monte fosse um marco a assinalar o limite em que terminariam por ex. duas áreas confinantes de caça ou de postoreio entre povos

ou tribos vizinhas. Na região vivem os Cubales, tribo de pastores, que possuem grandes manadas de gado bovino. A outra tribo é a dos Cuisses, mais primitiva do que a anterior e considerada por alguns autores como pré-banta.

Nem Cubales nem Cuisses têm a menor ideia, de quem teria feito aqueles muitas gravuras do *Tchitundo hulo mulume* e as pinturas dos tectos dos dois abrigos ou palas atrás referidas.

O inquérito feito junto de alguns velhos pretos, que há muitos anos viviam no Virei e há muitos anos ouviam falar no *Tchitundo hulo*, não indicou qual a gente, isto é, a tribo autora daquelas pinturas e sinais gravados na pedra. A opinião geral é a de que tudo aquilo não foi obra de humanos.

E vinha a afirmação categórica: *C' buku watchilinga emanba elí*.

Como *buku* significa Deus; *watchilinga* fez; *emanba* pedra e *elí* esta, a frase poderá traduzir-se simplesmente por *Foi Deus quem fez*.

Aliás este mesmo parecer foi dado a conhecer por Camarate França, quando a pág. 10 do seu citado trabalho escreveu: «Os *Va-kuissi* afirmam que não foram eles que as fizeram, nem qualquer outro povo negro, e esclarecem apenas que devem ser obra de Deus».

*

* * *

As gravuras devem ser remotas.

É certo que há algumas cujo tracejado se mostra mais claro, o que pode fazer crer na sua menor antiguidade ou até manufactura recente. Mas isso pode também resultar da diferente contextura da pedra. Haverá que ser examinado cuidadosamente o grau de patine dos sulcos de vários sinais em comparação com a patine da superfície circundante.

No entanto a grande maioria das gravuras rupes- tres que observei têm um ar de vetustez que me leva a considerá-las remotas.

Outra circunstância que me leva a este parecer é o facto do grande número das mesmas. Numa árdua campanha de 12 dias de trabalho contei 1733 sinais gravados mas alguns ficaram por contar. Em vários dias verifiquei haver sinais, e não poucos, que nos dias anteriores não tinham sido riscados a carvão e que, por isso, não tinham entrado em conta.

Como dissemos, na vertente do lado poente vi 124 gravuras, e algumas formadas por uma complexa associação de traços. Na vertente oposta, ou seja do lado nascente, vi muitas gravuras que suponho se poderão computar à roda de mais de duas centenas.

O grande número de gravuras deve corresponder, ao menos é lícito supô-lo, a um largo período de utilização daquele monte para a prática de quaisquer cerimónias, nas quais a execução de gravuras no chão de pedra fizessem parte integrante do respectivo ritual.

É também lícito imaginar que correspondam a um período de certa permanência nas redondezas do povo que tão exuberantemente deixou assinalada a sua presença naquele grande morro.

Por isso é lógico admitir que a antiguidade daquelas gravuras seja grande, e correspondente a um período de condições climáticas menos severas do que as actuais naquela orla do deserto de Moçâmedes, onde a falta de água é manifesta, por a chuva ser rara e escassa.

Outra circunstância que pode reforçar a antiguidade das gravuras é a descoberta de indústria paleolítica feita por Camarate França «no fundo do vale, que se abre a meio do «inselberg» Tchitundo hulo». (pág. 27 do trabalho cit.), e que confirmamos por ampla colheita de paleolítico na base das encostas do *Tchitundo hulo*. Apanhamos à superfície muitas centenas de peças, que estão no Museu Antropológico da Universidade de Luanda.

As 155 peças de quartzite, quartzo e sílex, escavadas por Camarate França foram por este autor distribuídas em três séries.

A série I, com 8 peças e de facies mustiero — clactonense evoluído.

A série II, com 27 peças, é predominantemente mustieroide.

A série III, com 120 peças «embora nela se encontre incluído um trapézio, pelo grande número e diversidade de raspadores e raspadeiras e devido à escassez de microlitos, aproxima-se propriamente mais de um Proto-Smithfield do que de uma cultura de Wilton, esta última tão frequente no Sudoeste de Angola».

O material das nossas colheitas na base das encostas do morro, que será estudado pelo Dr. Carlos Ervedosa, numa primeira impressão, afigura-se-nos, na sua maior parte, poder enquadrá-lo no Smithfield.

Não podemos deixar de referir os microlitos, que o Dr. Carlos Ervedosa descobriu ao escavar um troço restricto da pequena assentada arqueológica existente no abrigo com pinturas do *Tchitundo hulo mulume*. Tais microlitos, alguns primorosamente talhados em quartzo hialino, acompanhados de contas de casca de ovo de avestruz, enquadram-se na cultura de Wilton.

Conclusões

Pela prospecção que fizemos nas vertentes do grande *Tchitundo hulo* e das encostas dos dois morros maiores, bem como pelo que nos deixou Camarate França no livro referido, verifica-se que as gravuras daquele monte constituem uma notável estação da arte rupestre angolana a que se juntam mais duas, com os mesmos tipos de gravuras rupestres e lhe ficam próximas. Uma no penedo da Lagoa e a outra num penedo com uma fenda em cova onde se junta a água das chuvas e as zebras vão beber.

Dada a importância destas estações interessa fazer-se o seu estudo integral, e tanto mais depressa quanto é certo que, a descamação do granito em capas delgadas e factura subsequente, pode destruir muitas daquelas gravuras, a ajuizar pelas que ali se vêem parcialmente destruídas.

Só foi pena que a morte prematura do Dr. Camarate França não tenha permitido que fosse ele a fazer tal estudo.

O seu saber e a sua paixão pelos estudos arqueológicos eram garantia da perfeição de tal estudo.

*Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Fac. de Ciências da Universidade do Porto
Janeiro de 1974*

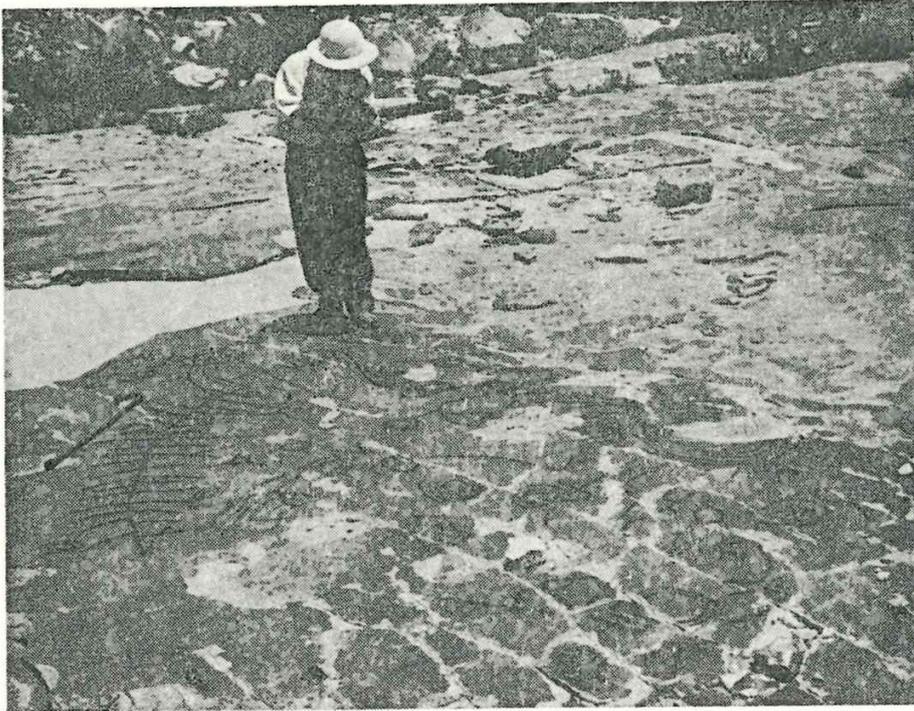


Fig. 4 — Conjunto de cerca de 50 gravuras com algumas de tipo labiríntico.



Fig. 5 — Conjunto de gravuras de circunferências concêntricas. As duas maiores com 11 circunferências.



Fig. 6 — Gravura de tipo labiríntico. A caneta media 13,5 cm.

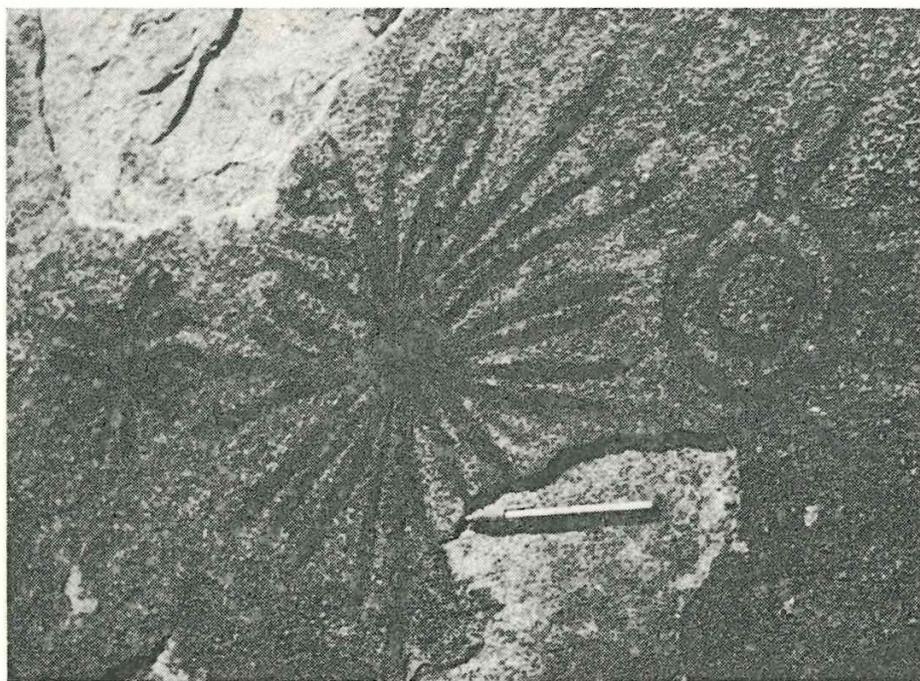


Fig. 7 — Gravuras de tipo astral. A caneta media 14,5 cm.



Fig. 8 — Conjunto de gravuras marcadas a giz. O belo sinal a meio da fotografia era formado pelo menos por 5 circunferências concêntricas com coroa de traços irradiantes. A bengala mede 82 cm.



Fig. 9 — Representação incompleta de antílope cornudo, num conjunto de 13 sinais. A bengala, que está a dar dimensões, mede 82 cm.

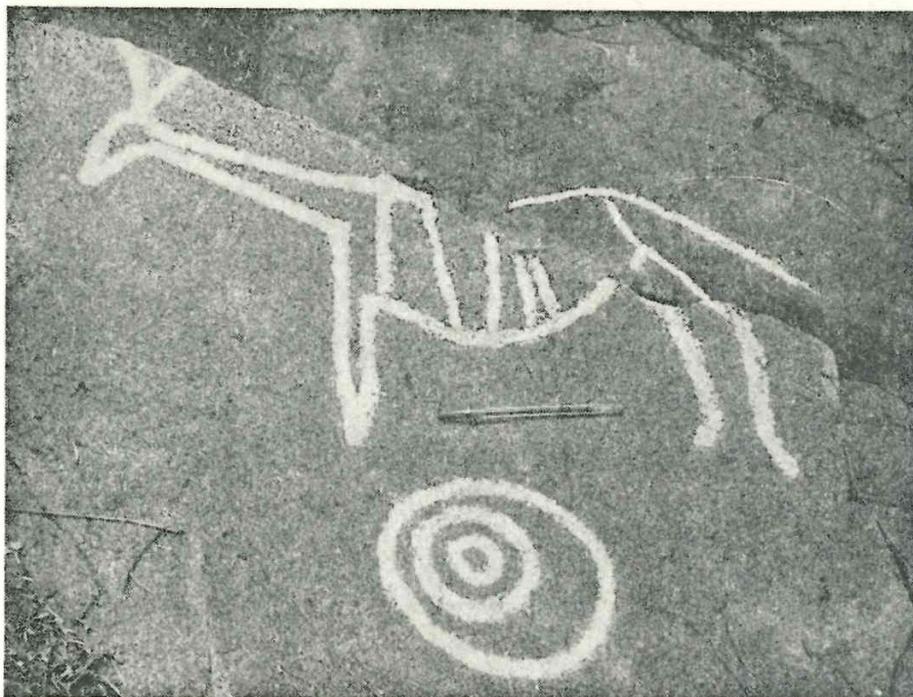
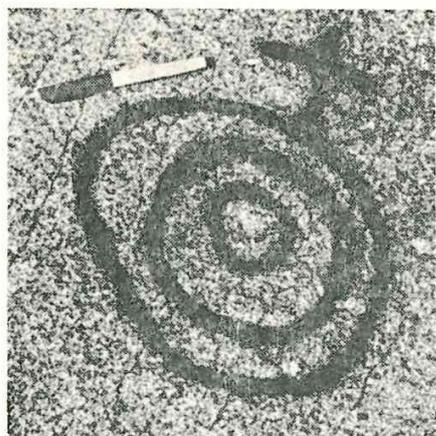


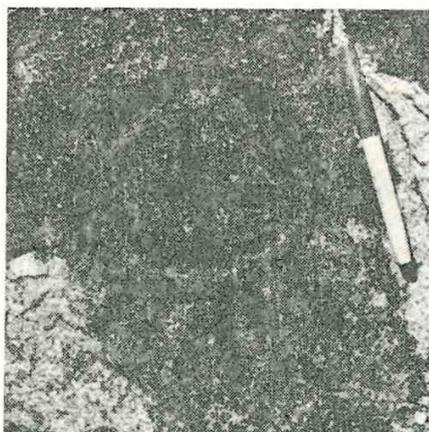
Fig. 10 — *Representação de um antílope associado a três circunferências concêntricas. A caneta média 14,5 cm.*



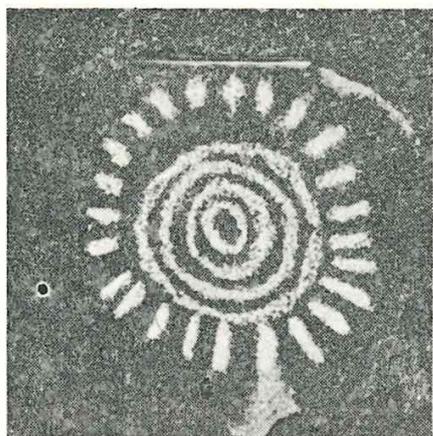
Fig. 11 — *Representação, possivelmente, de cabrinha do mato.*



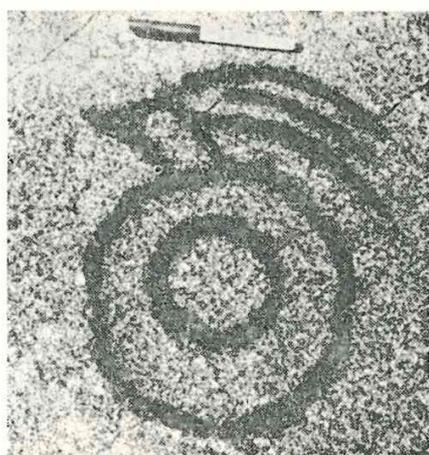
a



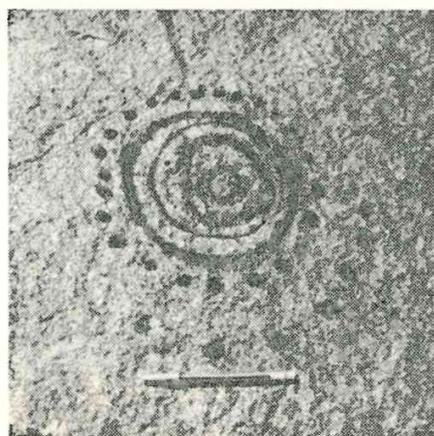
b



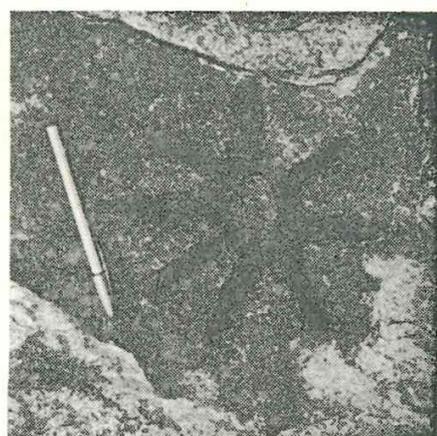
c



d



e



f

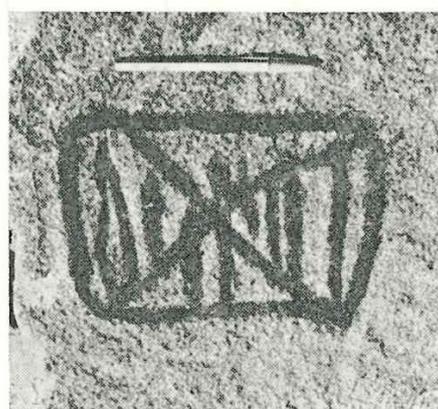
Fig. 12 — Algumas gravuras rupestres do Tchitundo bulo mulume. A caneta que se vê nas figs. a, b, d media 13,5 cm.: a que se vê nas figs. c, e, f, tinha 14,5 cm. As mesmas canetas figuram noutras fotografias.



a



b



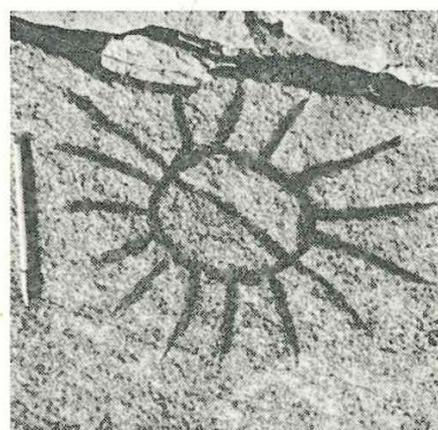
c



d



e



f

Fig. 13 — *Algumas gravuras rupestres do Tchitundo bulo mulume.*

biblioteca
municipal
barcelos



12260

As gravuras rupestres do
Tchitundo hulo